

Stadium

N.º 274

3 de Março de 1948

Preço: 2\$50

A REVISTA GRÁFICA DE DESPORTOS DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO

Foto AMADEU FERRARI

BENFICA-BELENENSES

O embate entre atacantes encarnados e defesas azuis! Sério vigoroso, antecipa-se a Júlio e desvia a bola com os punhos



Do 1.º ao 5.º 2 pontos de diferença

Os clubes levam a cruz ao calvário
mas esta é mais pesada para uns do que para outros...

Crónica de TAVARES DA SILVA

As jornadas sucedem-se, e a verdade é que as coisas em lugar de se tornarem mais claras cada vez estão mais confusas. Costuma dizer-se que o Campeonato que decorre é sempre o melhor, esquecido o que lá vai... Mas a verdade, nua e crua, é que estamos em presença de um torneio emocionante, verdadeira competição, despertando a mais viva curiosidade seja qual for o ângulo por que olhemos para ele: ou por cima ou por baixo...

A 15.ª jornada oferecia dois aspectos salientes, visto poder contribuir quase decisivamente para o problema do 1.º e para o do último. Afinal, os dois problemas ficaram em suspenso... As jornadas que vão seguir-se serão vividas pelos adeptos numa emoção profunda. Todos os encontros são decisivos e as vitórias arrancadas a pulso.

Exceptuando o caso de Guimarães, nitidamente, quanto a nós, um caso de inadaptação à tática leonina, os outros resultados, por si só e sem mais comentários, reflectem um estado de equilíbrio.

Benfica.....	2	—	Belenenses .	0
Setúbal.....	3	—	Olhanense..	1
Atlético.....	2	—	Estoril.....	2
Lusitano ...	2	—	Elvas	1
Porto	5	—	Boavista....	1
Académica..	4	—	Sp. Braga... 3	
Vitória G....	0	—	Sporting ... 4	

O quadro dos resultados, bem curiosos na sua leitura, põe ante os olhos dos adeptos a seguinte imagem, aliás, muito eloquente: se os concorrentes de primeira plana lutam corajosamente pelo título, os mais atrasados dão-se ao mais intenso dos esforços — prolongando a sua vida. Quem poderá levar-lhes a mal o apêgo com que se agarram a uma posição conquistada? Além de tudo, esta característica dá à competição um vigor que a torna mais pujante e emotiva.

Na lista dos resultados, os melhores casos são: a melhor de Se-

túbal contra Olhão, o triunfo do Lusitano sobre Elvas e a vitória da Académica sobre Braga. Os outros números aceitam-se sem dúvida e discussão, ainda que ao score da Tapadinha se possa opor objeções.

Compete-nos apenas dar ideias gerais sobre os encontros e várias apontamentos. Fazemo-los como eles veem ao correr da pena, e um pouco sem método.

Sem dúvida alguma, a atracção n.º 1 da 15.ª jornada era o Benfica-Belenenses. Pelo que se pode depreender da variedade de opiniões, quase todas concordantes, os benfiquenses fizeram um superior jogo de futebol, a um tempo firme na defesa, rápido e vivo no ataque. No melhor período belenense, o Benfica conservou intacta a sua organização defensiva (não consentindo golos!), para, depois, na fase do ataque, depôr a bola no terreno e causar os mais sérios embaraços à defesa de Belém. Com extremos rápidos, um avançado-centro desconcertante, e um médio de ataque que é uma verdadeira preciosidade (Francisco Ferreira), tudo isto aliado à segurança do defesa central — o Benfica pode vencer. E da sua vitória resultam consequências curiosas...

Os algavios que, manifestamente, vinham subindo, não puderam fazer uma exibição a-par dos cometimentos realizados em casa. Os dois interiores ainda procuraram organizar jogo de ataque, mas sem apoio da linha medular, o seu esforço foi suplantado pela energia e rapidez do seu adversário. Os setubalenses, apesar dos seus pontos fracos, deram melhor impressão de futebol de conjunto do que o seu adversário.

A partida da Tapadinha parece ter sido desagradável, havendo motivos para a assinalar com o ferrete da violência. O árbitro deixou seguir, de braços cruzados, o rumo do jogo, e vários elementos do Estoril não se com-

portaram à boa altura da correcção. Deve frizar-se que o Atlético, atravessando um período de grande fé e entusiasmo, empatando o encontro em circunstâncias nitidamente infelizes, cotou-se como autêntico vencedor moral...

O Estoril, na sua desorganização de ataque, e este reflecte-se na defesa, mostrou a falta que faz uma unidade. Os atléticos foram atingidos por uma desgraça, dada a inutilização de Rosário. (O pobre rapaz como que adivinhava a desgraça, não querendo jogar por lhe ter morrido o pai e afinal alinha e sofre fractura de um pé...) Mas a harmonia na ligação de passagens levou de vencida o seu categorizado adversário.

Em Vila Real de Santo António, o Lusitano bateu o Elvas. Bateu-o, em jogo de ligação e rápidos. Os elvenses deixaram-se desmorientar, e não conseguiram impôr o seu plano. Ao invés de reforçar o grupo, a inclusão dos dois espanhóis, Raffa e Calleja, ainda sem adaptação suficiente, contribuiu para a derrota. A conclusão mais importante a tirar desta partida é de que o Lusitano tem forças suficientes para se bater, na sua terra, de igual para igual, com qualquer adversário.

O Porto, na senda da tradição, pôs o Boavista mais uma vez fora de combate, e o seu interior Araújo, indiferente ao que se passa à sua volta, continua a fazer a demonstração de como se marcam bolas...

Também no seu belo esforço de fuga, a Académica venceu o Sporting de Braga. Deve dizer-se que o vencido jogou bem, em plano de futebol de qualidade, melhor no ataque do que na defesa. Os bracarenses jogaram como equipa que sabe dar a máxima medida do esforço, sabendo que o resultado era importantíssimo. A equipa dos estudantes, e assim se lhe pode chamar com inteira propriedade, fez uma partida razoável no ponto de vista de qualidade — desperdiçando, no entanto, vários golpes dos que podem considerar-se mortais. O seu melhor atestado consiste, porém, em alterar um 3-1 para 4-3, realidade que perdôa todas as faltas.

Dos Grandes, o Sporting deslocou-se a Guimarães e a sua vitória foi conquistada com a regularidade de mecanização. Os leões constituem uma equipa terrível para os outros menos adestrados: é um cilindro que passa e os esmaga.

T. S.

Visado pela Comissão de Censura

O certo é que, após a 15.ª jornada, o Quadro só nos dá dúvidas, e é a dúvida que provoca o interesse. Aconselhamos uma vista à classificação geral, e logo se depara com três grupos: um núcleo de cinco teams que segue à cabeça (de 24 para 22 pontos), um lote intermédio e constituído também por cinco clubes que, embora tenuemente, ainda têm a espada suspensa sobre a cabeça (os dos 12 pontos), e um núcleo de quatro concorrentes na zona de angústia, Guimarães e Setúbal com 10 pontos, Braga e Académica com 7.

O certo é que qualquer dos cinco clubes estão aptos para o título. Mesmo porque o seu valor é sensivelmente igual. Cada um, no entanto, pode fazer as contas à sua maneira. Se um belenense — ele contará com as derrotas dos outros concorrentes e o triunfo é certo. Se um estorilense — o mesmo. Porque não contar também com o Porto? O aviso não parece tão descarado como muita gente julga...

Sobre a zona intermédica, há apenas que referir que todos os clubes sentem um perigo e põem mais devoção na luta. Os desafios que têm como intervenientes os da zona de angústia adquirem, por vezes, uma emoção que ultrapassa a daqueles que se encontram no caminho directo que conduz ao título.

Cada um pensa da sua maneira, mas a roda da competição, inexoravelmente, vai matando as últimas esperanças...

Hoje, é um beneficiado pelos resultados. Amanhã, outro. E tudo segue na mesma. Talvez que a próxima jornada, aparentemente sem perigo, possa esclarecer alguma coisa. Muitas vezes, o perigo vem de onde não se espera. Eis os encontros do próximo domingo: Belenenses-Académica, Benfica-Guimarães, Boavista-Lusitano, Elvas-Atlético, Estoril-Sporting, Olhanense-Porto e Sporting de Braga-Setúbal.

Tabela de pontos

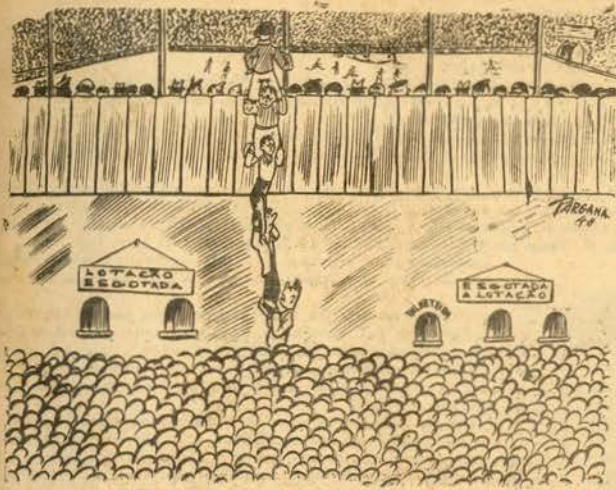
	CASA					FORA					TOTAL				
	J.	V.	E.	D.	B.	V.	E.	D.	B.	V.	E.	D.	B.	P.	
Belenenses....	15	6	1	—	27-5	5	1	2	16-12	11	2	2	43-17	24	
Sporting.....	15	7	—	1	37-10	5	—	2	21-13	12	—	3	58-23	24	
Estoril.....	15	8	—	—	44-13	2	3	2	16-17	10	3	2	60-30	23	
Benfica.....	15	6	—	1	27-8	4	3	1	26-16	10	3	2	53-24	23	
F. C. Porto....	15	6	—	1	30-8	5	—	3	22-16	11	—	4	52-24	22	
Elvas.....	15	5	—	3	26-14	—	2	5	9-24	5	2	8	35-38	12	
Lusitano.....	15	5	1	1	12-11	—	1	7	5-39	5	2	8	17-50	12	
Boavista.....	15	4	1	3	21-17	1	1	5	7-23	5	2	8	28-40	12	
Atlético.....	15	4	2	2	30-19	1	—	6	14-22	5	2	8	44-41	12	
Olhanense....	15	4	3	1	23-12	—	1	6	12-32	4	4	7	35-44	12	
Vitória (G.)...	15	4	1	3	14-16	—	1	6	7-24	4	2	9	21-40	10	
Vitória (S.)...	15	3	2	2	13-14	1	—	7	10-27	4	2	9	23-41	10	
Sp. Braga....	15	2	2	3	14-16	—	1	7	12-27	2	3	10	26-43	7	
Académica....	15	3	1	3	15-22	—	—	8	8-41	3	1	11	23-63	7	

AS NOSSAS SEPARATAS

Continuamos hoje a publicar

“O Futebol é a Minha Profissão”
do famoso LAWTON

A "graça" da semana



«Um por todos e todos por um» para ver, o Benfica-Belenenses...

CAMPEONATO NACIONAL DA 2.ª DIVISÃO

A vitória do União de Coimbra sobre o Sporting C. da Covilhã

marcou a grande surpresa da jornada

No domingo principiou o verdadeiro campeonato para os apurados do Nacional da segunda divisão. E com algumas surpresas de categoria, pois só a luta entre o Desportivo de Beja e a «Cal» do Barreiro lechou com um resultado mais ou menos dentro dos cálculos gerais.

A expressiva vitória do União de Coimbra sobre o categorizado Sporting da Covilhã; a derrota do Leixões no seu próprio campo; e o surpreendente empate Barreirense-Portimonense.

Vejam os números:

Leixões 2 — Famalicão 4
U. Coimbra .. 7 — S. C. Covilhã. 1
Barreirense ... 1 — Portimonense. 1
G. D. Beja... 2 — «Cal» Barreiro 3

Como se verifica, só um grupo perdeu fora de casa: — o Covilhã. Talvez aquele que menos o esperava, visto haver feito boa prova na sua zona, colocando-se a distância dos combricenses.

Esta fase tem muita importância para os acontecimentos. O campeão elimina o último da primeira, e o segundo «discutirá» com o penúltimo a sua entrada no torneio dos grandes.

Seja como for, o União de Coimbra, jogando admiravelmente, cometeu uma proeza de salto.

Claro que nesta altura é difícil fazer suposições. Mas as equipas que fizerem o melhor, fora de casa, podem acalentar esperanças maiores.

Do Barreirense poderia espe-

rar-se uma vitória, embora os algarvios possuam equipa voluntariosa e capaz de surpreender, especialmente no seu campo. O empate conquistado no Barreiro tem muita importância, — como veremos no decurso da prova.

Está também no mesmo caso a equipa do Famalicão, vencedora no campo do Leixões. Vitória sem dúvida meritória, com carreira à vista...

A formação lamalleense joga uma grande cartada. Mas a prova dos 3 concorrentes terá ainda as suas dificuldades... Outro grupo com boa disposição, parece ser o da «Cal» do Barreiro. Embora o Desportivo de Beja se não tenha afirmado muito, na primeira fase, é preciso contar sempre com as dificuldades do ambiente.

Eis como alinharam as equipas e a indicação dos árbitros: Desportivo de Beja — Mário Carlos; Bentes e Carvalho; Stoga e Baptista; Godinho, Hilário, Apolinário, Marques e Sardinha.

C. U. F. do Barreiro — Veríssimo; Cetano e Pedro Lino; Celestino, Baptista e Galinheiro, Graçano, Domitilo, Fernandes, José Luis e Marques.

Árbitro — Rodrigues Santos (Lisboa).

Famalicão — Sansão; Armando e Cerqueira; Jálilo Costa, Ferrão e Adelino; Ramiro, Pires, Alvaro Pereira, Radl e Sampaio.

Leixões — Ferreira; Casero e Nelito; Cristo, Adão e Paulo; Belfim, Peixoto, Costa, Pereira e Oliveira.

Árbitro — Carlos Canoto.
União — Cameirão; Corvoelho

BASQUETE BOL

A equipa do Centro venceu a do Sul por 48-29

Com o jogo Centro-Sul, que se disputou, no sábado, em Coimbra, concluíram-se os trabalhos referentes à primeira fase da preparação da equipa nacional. Agora, o seleccionador reunirá, periodicamente, em Lisboa, os prováveis componentes do «team» português, baseando-se, para fazer essa escolha, na «classe» demonstrada pelos jogadores de Lisboa, Porto e Coimbra, que intervieram nos encontros regionais, efectuados nas últimas duas semanas.

Não é nosso intuito discutir neste momento as decisões das pessoas responsáveis pela preparação da equipa nacional; no entanto, que os desafios Norte-Sul e Centro-Sul poucas indicações poderão ter proporcionado, sobretudo porque a obtenção de um resultado deve ter sido a preocupação dominante das seleções visitadas, com evidente prejuizo da finalidade que presidia à realização dos citados desafios

(Continua na pág. 6)

FUTEBOL DE JUNIORES

Faltam três jornadas para apurar os finalistas do Campeonato de Juniores e já se sabe que é de quatro equipas que terá de sair o campeão.

Na primeira série o Sporting e Benfica continuam sem derrotas e será o jogo entre ambas que decidirá o vencedor da série e por conseguinte o finalista.

Não é de admitir que qualquer daquelas equipas perca com outra, pelo que a luta entre os eternos rivais vai encher o campo onde o jogo se efectuar. Não ha profecias a fazer quanto ao desfecho, pois que ambas são valorosas e muito iguais. Um empate pode trazer embaraços...

Oriental e Amadora terão de

e França; Bernardino, Velha e Sanina; Angelo, Conceição Rodrigues, Gomes, Ermitério e Noronha.

Sporting da Covilhã — Jálilo; Craveiro e Franklím; Szabo, Costa e Simões; Livramento, Fonseca, Carlos Ferreira, Rogério e Fialho.

Árbitro — Contente de Sousa, de Santarém.

Barreirense — F. Silva; Reis, Pascoal e C. Silva; Gervásio e Ricardo; Magno, João Mário, Alexandre, Martins e Cândido.

Portimonense — Velhinho; Pintado, Vitória e Vicente; Rosário e Catinana; Pacheco, Jesus, Gilberto, Dellino e Paixão.

Árbitro — António Serrano, de Lisboa.

decidir entre si o finalista da sua série. Tudo indica que serão os rapazes do Oriental os vencedores, podendo disputar ao Benfica ou ao Sporting o título!

Tudo quanto acabamos de escrever é produto duma observação imparcial sobre o valor das equipas que disputam a segunda fase do campeonato. Dentro de três semanas se verá...

Os jogos do passado domingo foram fáceis para os vencedores e somente no encontro Tarujense-Palmense as coisas estiveram tremidas.

Ao fim e ao cabo a balança pendeu para a equipa que se apresentou completa em campo, visto a do Palmense ter feito o jogo todo com dez jogadores.

Não se esperava que a equipa do Sporting derrotasse com tanta facilidade a aguerrida equipa de Vila Franca, embora de antemão se calculasse que os leões seriam os vencedores. É verdade que os vilafranquenses não se apresentaram com o seu guarda-redes titular, que é um dos melhores jogadores do team, e isto deve ter facilitado a vitória do Sporting.

Os jogos realizados tiveram os seguintes resultados:

1.ª série:

Sporting... 6 — Aguiar 1
Atlético..... 0 — Belenenses.. 3
Benfica..... 3 — Cascalheira. 0

2.ª série:

Tarujense... 3 — Palmense... 1
Estoril..... 1 — Oriental ... 0
Amadora ... 2 — Sacavenense 4

M. V.

ARCADIA

O DANCING N.º 1
= DA CAPITAL =

Apresenta um extraordinário Programa de Atracções com

PAUL SMOLL

o realizador do impossível

e os Príncipes **MERCEDES LEON-ALBANO ZUÑIGA**

Música constante pelas orquestras **GELIA y sus DUKES e ARCADIA**

Abertura às 22 horas — 1.ª parte de variedades às 24,15 horas

RIO de JANEIRO—LISBOA

ROGÉRIO

ao Expressar do BRASIL
declarou-nos:

«Estou ansioso por voltar ao contacto com os torcedores do meu clube — o Benfica. Quero fazê-lo, porém, em condições de servir a equipa eficientemente, o que não sucederia neste momento...»

ROGÉRIO foi entrevistado já, pela nossa Revista, quando ainda no Brasil. A entrevista teve uma oportunidade indesmentável, pois Rogério deixou de nos dizer... o que agora nos transmitiu! Uma vez em Portugal, também o famoso extremo do Benfica se pronunciou sobre pequenos «factos» relacionados com a sua viagem Lisboa-Rio de Janeiro-Lisboa. Mas o que vai ler-se terá muito de inédito, e daí a nossa insistência. E' desnecessário, evidentemente, apresentar Rogério. O seu elogio está feito. Preferimos entrar imediatamente

no assunto que pode interessar aos leitores da «Stadium». A nossa antiga amizade e camaradagem serviu de «cartão de visita». Mais do que suficiente.

Principiámos, entretanto, por uma pergunta já conhecida:

— Está contente por voltar a Portugal?
— Bastante! Ainda que o Rio de Janeiro me tivesse maravilhado com os seus encantos, e bastantes são, a verdade é que nada chega à nossa Pátria. Nunca tive tanto desejo de uma viagem pelo nosso país fora, para conhecer toda a nossa terra, como agora. Foi preciso uma ausência no estrangeiro, para bem sentir quanto amo Portugal...

— No entanto — retorquimos — gostou da estadia no Brasil?

— A' sua pergunta poderei responder de duas formas. Apreciei muito a oportunidade que tive de admirar os sentimentos da colónia portuguesa do Brasil, que me recebeu admiravelmente, com inequívocas demonstrações de carinho. Isso me leva, até, à conclusão de que um jogo com a intervenção de uma equipa portuguesa estaria destinado a um êxito financeiro absolutamente seguro. Como jogador, porém, sou levado à afirmação de que não me deixei satisfeito a minha deslocação.

— Porquê?...
— Pelo ambiente clubista com que deparei. Habitado à camaradagem entre os componentes da equipa do Benfica, que faz de cada jogador um irmão, senti-me bastante deslocado no meio dum «quadro» que me olhava com despeito, pelo facto do meu ordenado ser superior ao da média dos jogadores brasileiros.

— Porque não alinhbou o Rogério mais vezes?
— De positivo, nada posso responder-lhe. Durante os treinos, ouvia amigáveis elogios de Ondino Vieira, o preparador técnico do clube. Chegou, até, a afirmar-me que faria de mim o melhor extremo-esquerdo dos clubes brasileiros. A grande verdade, porém, é que chegada a altura de efectuar os jogos, me via preferido por Teixeira ou Reinaldo. Quanto ao primeiro ainda compreendo a minha substituição por ele. Mas o segundo, meu amigo... Não passa — e creia que não procuro valorizar-me, mas apenas dizer a verdade! — dum jogador medíocre.

— Como se compreende, então, a sua exclusão da equipa?
— Atribuo-a ao fruto da «política clubista», que por lá faz bastante carreira sobretudo no Botafogo. Helena, o avançado centro titular, que é o menino-bonito dos «fans» brasileiros, dispõe duma influência tão grande junto da Direcção do clube, que a sua vontade se sobrepuja muitas vezes à do treinador. Isto, aliado à má-vontade pessoal de aludido jogador para comigo, pode, talvez, explicar o que, doutra maneira, não compreendo...

— Não houve dificuldade de adaptação ao futebol brasileiro?

— No primeiro encontro que disputei, estranhei um pouco, de facto, a característica do jogador brasileiro. Isso me valeu, até, apodermar-me de fraco «driblador» e de medroso. Acabei, entretanto, por me identificar e integrar no sistema.

— E quanto a lealdade nas jogadas?
— Quando daqui fui, supunha que o profissionalismo obrigaria cada jogador a ver num companheiro de luta um «oficial do mesmo officio», a quem não deveria impedir-se de ganhar a sua vida. Em breve me enganai. A jogada por exemplo, em que se entra de pé em risca para o peito do adversário, é das mais usuais. E creia que não há exagero quando lhe digo isto.

— Há no Rio de Janeiro, também, acesa rivalidade desportiva entre clubes?

— Há, sim! O Flu e o Fla, isto é, o Fluminense e o Flamengo, são no

Rio o que o Benfica e o Sporting representam ao futebol lisboeta. Um encontro entre os dois, esgota a lotação do campo, com facilidade.

— Era intenso o regime de treino a que o Rogério estava sujeito?
— Sim, era! Treinava quatro dias por semana: de terça a sexta-feira.
— Pela manhã?
— Pela manhã, e de tarde. E estes últimos bastante me custavam, por serem feitos à hora de mais calor, às quatro, cinco horas da tarde.
— E agora? — perguntámos-lhe.
— Agora... toca a envolver de novo a camisola do Benfica — que é esse o meu desejo maior — e a ir para o campo lutar pela sua posição no campeonato.
— Vê-lo-emos breve em acção?
— Não depende só de mim, como compreenderá...
— Sendo assim, periga a sua candidatura à Selecção, para o próximo Portugal-Espanha.

— Não penso nela, nem sequer me agradaria jogar, no período de abaixamento de forma em que me encontro. O que penso, em relação à minha colaboração ao Benfica, ajusta-se perfeitamente à equipa Nacional. Apresentar-me a jogar desde já depois de tão longa inactividade, poderia ser um fracasso, do qual quero fugir...

Aproveitámos o «terreno» — a colaboração ao Benfica — para falarmos da carta que Rogério escreveu à Direcção Geral de Desportos.

— Ainda bem que me fala nesse assunto, dir-nos imediatamente. Embora a sua Revista já tenha publicado, por intermédio do vosso correspondente no Rio, e meu amigo, Candeias Alvarez, as razões que me levaram a escrevê-la, não acho demasiado insistir, para que se aclararem dúvidas, se definam atitudes, e me não acusem da qual que não sou.

«A minha amizade ao Benfica, o clube onde alcancei a posição de que disfruto e cuja popularidade e expansão serviram de nota real para atingir o expoente a que a minha carreira chegou, não devia ter sido posta em causa, como foi, pois continuo a ser benfiquista, como já era, e não pretendo servir outro clube. Desejo, somente, conhecer em que condições materiais é que eu voltaria a envolver a gloriosa camisola rubra. E nem sequer de exigências se trata. Pretendi, somente, assegurar a possibilidade de prover sem embaraços ao passado do meu lar, que breve verei aumentado... Esta é que é a verdade que eu muito desejaria ver respeitada.

— O futebol português tem cartaz no Brasil?

— Própriamente por parte dos brasileiros, quase posso dizer que não. Vivem, apenas, para a apreciação do que é deles, ou das outras nações americanas. Creio, no entanto, que a Colónia Portuguesa gostaria de ver actuar um «quadro» lusitano, no Brasil. E ela garantiria a «deslocação», pode crer. De resto, o entusiasmo que por lá se nota, perante a próxima ida do «combinado» B. S. B. — que a Direcção do Botafogo dá como certa — confirma a minha ideia. Os nossos compatriotas esperam-nos ansiosamente para daren largas ao seu patriotismo.

Há nomes do nosso futebol que sejam por lá «falados»?
— Sim! Jesus Correia, Francisco Ferreira e Peyroteo são jogadores que amide se citam nos meios cariocas.

Uma olhadela ao relógio adverte-nos de que é necessário encerrr a entrevista. Rogério está cansado, e não temos o direito de abusar da sua condescendência em «aturar-nos».

E' a última pergunta, portanto, que vamos fazer-lhe. Pensamos na legião dos seus admiradores, e é com vista à massa anónima que aguarda ansiosamente o seu regresso aos campos de futebol, que inquirimos dele:

— Posta de parte, então, a perspectiva de alinhar contra o «Belenense», podemos dar a notícia de que o fará no domingo seguinte?

— Nada poderei dizer-lhe, por enquanto. Antes de mais nada, quero recompor-me, até mesmo do «toque» que recebi no Portugal-Suíça, e que ainda hoje me obriga a sentir de vez em quando uma ligeira dor no pé direito. Apesar de há bastante tempo o ter soffido, a verdade é que me obrigou a duas semanas de repouso no Rio, depois do desafio da minha estreia. Só

depois disso poderei dizer com exactidão a data em que retomarei o contacto com o futebol. Se tenho vindo na data em que planeei, de avião, poderia reaparecer em boas condições, contra os escoceses do Rangers, pois não havia decorrido muito tempo sobre o inflexo do «defeso» de futebol brasileiro. A muito bagagem obrigou-me, porém, a esta viagem por mar, que me abalou, e a deixar decorrer quinze dias sem contacto com a bola. Todos os meus planos se transformaram, portanto. Entretanto, que os «torcedores» do meu clube, o Benfica que eu nunca deixei de recordar, fiquem com a certeza de que o Rogério que eles conheceram é o mesmo que voltará a lutar com alma e com vontade pelas vitórias do nosso Benfica.

«E até ao dia em que possa servi-los com a certeza de bem cumprir, que todos eles recebam a minha saudação, como efusivamente agradeço a todos os que quiseram dar-me o conforto moral das suas presenças na minha chegada.

A entrevista chegata ao fim, e cremos que da melhor maneira.



Rogério toma banhos de sol e brinca com a bola na prata de Copacabana

Rosa de Matos

O ataque estorilense está na frente de Correia. Mas não haverá perigo

O ATLÉTICO NÃO TEVE SORTE...



Fotos BARATA



Fotos MANIQUE



Uma defesa oportuna de Correia, por entre um cacho de colegas e adversários

VITÓRIA DOS SETUBALENSES



Três fases do jogo Vitória de Setúbal - Olhanense: em cima à direita — uma defesa de Abraão, carregado por um adversário; a seguir — nova intervenção do guarda-rede olhanense; à esquerda, o 2.º ponto do Vitória de Setúbal



CAMPEONATO DE LISBOA

Ao cabo das tres primeiras jornadas do campeonato regional, só dois clubes, o Técnico e o Sporting, seguem sem derrotas, vindo-lhes no encalço o Ateneu e o Estoril, cada um com seu encontro perdido.

A introdução das novas regras no jogo português produziu já os seus efeitos e começa a notar-se a superioridade daqueles grupos que melhor as conseguiram assimilar. A formação do bloco defensivo é, agora, um pormenor tático de primeira importância, mas que apenas algumas equipas sabem pôr em execução.

O Estoril e o Ateneu, por exemplo, que no domingo se defrontaram no jogo mais categorizado da jornada, não recorreram uma única vez ao bloco para tentarem sustar os remates adversários e isso lhes custou a perda evitável de alguns pontos.

A obrigação de apresentar seis jogadores em campo no início da partida também tem causado dissabores nas categorias inferiores; duas faltas de comparecência sensacionais se geraram assim, as das reservas do Técnico e do Sporting, por certo as mais fortes do torneio respectivo, que agora

ficaram com as suas probabilidades de êxito seriamente comprometidas.

Eis os quadros actuais da classificação: Honra—Técnico e Sporting, 6 p.; Ateneu e Estoril, 5 p.; Benfica e Olímpico, 4 p.; Lisboa Ginásio e Belenenses, 3 p.

Reserva—Belenenses e Benfica, 5 p.; Ateneu, Olímpico, Sporting, Estoril e Técnico, 4 p.; Lisboa Ginásio, 3 p.

Segundas—Sporting e Técnico, 6 p.; Benfica, 5 p.; Ateneu, Estoril, Belenenses e Lisboa Ginásio, 3 p.; Olímpico, 2 p.

A Federação Portuguesa de Voleibol está estudando a possibilidade da participação no campeonato da Europa que deve celebrar-se em Roma, no próximo mês de Setembro.

Dada a expansão da modalidade no nosso país e a importância que lhe é concedida como jogo educativo e exercício desportivo, seria de facto muito interessante a presença da nossa equipa nacional nesse certame; poderíamos assim ajuizar do nosso valor internacional e colher preciosos ensinamentos, só possíveis entrando em contacto com equipas estrangeiras.

JOSÉ DE EÇA

ANDEBOL

Em vésperas do Porto-Lisboa

TREINOU no domingo, pela terceira vez, a provável selecção de Lisboa que irá defrontar no fim da semana a sempre perigosa representação portuense.

O treino decorreu inosso e não deixou muito lisonjeira impressão sobre o valor do futuro combinado lisboeta; não somos o único a pensar que o grupo representativo deste ano é bastante mais fraco do que aqueles que há uns anos o precederam.

A defesa satisfaz: guarda-redes decidido e seguro, duas defesas com excelente colocação e muito «saber de experiência feito»; uma linha média cumpridora mas que, por ser formada por elementos já a caminho da veterania, se defende na actividade; um quinteto atacante habilidoso mas de escasso poder de remate, onde só a presença de Vicente pode trazer a necessária capacidade realizadora.

O seleccionador sr. Acácio Rosa começou apenas os nomes dos quinze jogadores que se deslocarão ao Porto, sem contudo indicar quais os que alinham.

Na baliza, Polleri ou Délio, talvez o primeiro; na defesa, indubitavelmente, Natividade e Mira, nos quais se pode depositar inteira confiança. A linha intermediária encorpou-se Valério, Miranda e Macara, com Trindade disposto a interior com a sua inquebrantável energia em caso de emergência.

A linha avançada é a grande

incógnita do problema: Pimentel Saraiva, Nunes, Vicente, Pimenta e Ceia? Nascimento, Pimentel, Saraiva, Vicente, Nunes e Ceia ou António Pereira? Tudo pode ser e nada nos dá a certeza de inteira satisfação.

Domingo passado, no relvado das Salésias, defrontando o grupo de «Os Treze», que não soube integrar-se no seu papel porque entrou em campo com o propósito de ganhar e, para isso, não deixar jogar, o grupo seleccionado procurou em vão, na área perigosa, quem concluísse proveitosamente os esquemas de ataque, por vezes bem delineados. A ausência injustificada e reprovável de Vicente, foi recordada a cada momento.

O que sucederá domingo próximo no Porto? Impossível prever; lá, como cá, os elementos novos não conseguiram ainda destronar os consagrados e estes, na grande maioria, já não estão na escala ascendente da forma.

Inclinamo-nos, contudo, pela vitória nortenha, ante o seu público sempre animoso. O resultado, aliás, importa pouco neste encontro; porque no espirito dos técnicos e dirigentes responsáveis pairará, dominante, a ideia da constituição da equipa nacional que esta época se vai estrear no primeiro campeonato mundial defrontando a Espanha num jogo que é indispensável vencer, mas há-de ser difícil vencer.

José de Eça

O Campeonato prossegue

A terceira jornada do campeonato de Lisboa de rugby, que corresponde ao termo da primeira volta do torneio, deixou novo problema por solucionar, lamentavelmente por solacionar.

O encontro Benfica-Agronomia não atingia o seu termo natural e, por incidentes reprováveis, foi interrompido estando os agrónomos a ganhar por 8-6. Porque não assistimos à partida, nada queremos dizer sobre as possíveis consequências do acontecido; limitando-nos a esperar o que decidirá a novel direcção da A. R. L. registando contudo com mágoa que a prova tenha já um atraso no seu calendário equivalente a duas semanas.

O outro encontro da jornada concluiu com a vitória do Sporting sobre o Belenenses por 3-0, um «goal» de pontapé colocado.

O jogo teve de apreciável a correção e lealdade mantidas pelas duas equipas adversárias, mas foi tecnicamente fraco; de um lado e do outro predominou a imperícia no manejo da bola, a confusão resultante dos pontapés ao acaso e mal dirigidos.

A linha de três- Quartos azul glizou ainda alguns movimentos em passes de mão a mão, bem esboçados mas mal concluídos; do lado oposto, foram os avançados que ganharam a partida, pois os três- Quartos mostraram-se lentos e hesitantes, incapazes de cumprir a sua missão.

Continua ainda predominando o péssimo hábito de pontapear a bola para a frente, ao acaso, entregando-a sem luta ao adver-

sário; e ao mesmo succede a frequência pela má direcção dos pontapés à linha, que atiravam a bola para dentro do terreno.

A causa mais influente no aspecto geral confuso das partidas de rugby a que temos assistido este ano é, sem dúvida, a má interpretação de árbitros e jogadores à regra da deslocação, tal como foi modificada.

Dizem agora as leis que o jogador deixa de estar deslocado quando a bola vem ao toco em ditimo lugar num adversário; mas não se deve esquecer uma outra disposição regulamentar que permaneça inalterada e é fundamental: é expressamente proibido ao jogador ficar a menos de 10 metros do adversário que espera a bola. Quando assim succeder, quando o jogador se não aliste voluntariamente para além de dez metros do receptor da bola, a deslocação persiste e é punida com pontapé livre.

Sem o máximo rigor na aplicação desta lei é impossível jogar com clareza e organizar jogo agradável.

As nossas equipas de rugby carecem, todas, de teoria de jogo; verifique-se a evidência o propósito de melhorar a acção colectiva, mas os resultados são incertos porque a acção individual é deficiente.

Em resumo: estamos no bom caminho, mas a rota é ainda longa e difícil. Se todos se dispuzerem a trabalhar com vontade, chegaremos ao fim.

Salazar Correia

BASQUETEBOL

(Continuação da pág. 3)

Lamentamos, por isso, que o campeonato de Lisboa, já tão atrasado, tenha sofrido novas interrupções, sem que dêsse «sacrifício» resultasse qualquer apreciável facilidade para a espinhosa missão do seleccionador portuense.

Mes, o mal está feito e nada mais resta do que tirar desta lição algumas conclusões para o futuro...

Neste encontro a que nos referimos, a equipa do Sal, constituída, totalmente, por jogadores de Lisboa, foi vencida, pelo «cinco» do Centro, onde só alinharam elementos de Coimbra, por 48-29. Depois da derrota sofrida, no Porto, oito dias antes, este novo desaire, imposto pelos rapazes da cidade universitária veio confirmar o que já foi dito nestas colunas, quanto ao estado actual do basquetebol lisboeta e, sobretudo, quanto à subida demonstrada, ultimamente, pelas equipas do Porto e de Coimbra.

Esta igualdade de valores val por certo empastar uma desusada animação ao Campeonato Nacional que, na segunda quinzena deste mês, se inicia.

* * *

Começa a disputar-se, há dias, no magnífico ginásio do Instituto Superior Técnico, o campeonato universitário desta modalidade.

No primeiro dia do jogo, «Económicas» venceu, folgadamente, «Veterinária», por 46-13. O jogo Técnico (B)-Agronomia não se disputou, por falta justificada desta equipa.

Nas restantes jornadas, já efectuadas, verificaram-se os seguintes resultados: INEF (A), 48-INEF (B), 11; Técnico (A), 35-Ciências, 17; Agronomia, 50-Direito, 13; Económicas, 46-Ciências, 26; Veterinária, 21-Direito, 18; Técnico (B), 21-INEF (A), 18 e Técnico (A), 38-INEF (B), 6.

M. P.

A estrutura da equipa espanhola

Há optimismo no país vizinho e os espanhóis vão fazer jogo de posição

apresentando um «team» bem traçado, treinado e de moral forte e excelente

Por RAMON MELCON

NÃO celebrou a selecção espanhola o seu habitual treino quinzenal. O adiamento do encontro Gijón-Barcelona impediu a reunião de todos os os pre-seleccionados. O Barcelona tem Curta e os irmãos Gonzalvo, além de Cesar, designados como prováveis internacionais contra Portugal, e a sua ausência desvirtuaria os objectivos do treino.

Por outro lado, foi resolvido suspender os desafios da Liga que haviam de disputar-se a 14, no domingo anterior ao Espanha-Portugal. Assim, evitam-se lesões prováveis e os jogadores têm tempo de viver juntos duas semanas, podendo efectuar treinos diários e conhecer-se melhor, coisa tão necessária como a adaptação ao jogo do companheiro.

E' cedo ainda para conhecer a provável selecção espanhola. Sem embargo, asseguram-nos que será mui pouco diferente do seguinte arranjo: Elizaguirre, Diaz, Aparicio, Gonzalvo III, Muñoz, Nando, Epi, Igoa, Pahiño, Silva e Gainza. Não seria nada de estranhar que, com efeito, fossem estes que defrontassem a equipa portuguesa, mas também não nos admira que alguns destes fiquem no vestiário e que entrem outros.

Porque em Espanha ocorre que, sem dúvida por virtude da abundância de jogadores de classe semelhante, é difícil formar a equipa. Além de tudo, o abaixamento de forma e as lesões contribuem para o facto. Mas, seja como for, o caso é que o Seleccionador Nacional tem já a equipa construída no seu foro íntimo.

Não haverá ninguém de discuta a designação de Ignacio Elizaguirre para o posto de guarda-redes. A sua boa

esquerdo português, Aparicio, dadas as suas especiais características, é o ideal defesa central. Alto e forte, com excelente jogo de cabeça, enorme toque de bola, valente e decidido... Actualmente acha-se em forma esplêndida, e dará muito trabalho ao avançado-centro da equipa lusa.

Mas há que contar com a defesa esquerdo. Ou o médio esquerdo, se assim se lhe quere chamar. Quere dizer, com o homem que se dedique à tarefa de sujeitar Jesus Correia. Tem de ser um médio ou um defesa ágil, das características de Clemente ou Diaz; não um médio de ataque. E para esse posto indica-se Nando, que, verdade seja, tem grandes condições, faculdades fantásticas e von-

pode confiar-se em que o posto estará bem coberto.

A linha de ataque é a que se presta mais a discussões. Essa asa direita formada por Epi e Igoa é francamente boa. Todavia, os últimos jogos de Igoa são tracos, por virtude de uma lesão sofrida há umas semanas. Se se restabelecer por completo, ninguém ousará duvidar da eficácia da parella Epi-Igoa. Mas se não é assim, haverá que pensar noutra asa. E, para ela, nada melhor que dispor de Juncosa e Vidal, que ocupam estes postos no Atlético de Madrid e são os homens mais em jogo de momento. Juncosa é um extraordinário jogador, de drible maravilhoso e grande marcador de golos. Vidaljégo

No centro do ataque acha-se Pahiño. O atleta celtico é homem de estilo um pouco toco, mas terrivelmente eficaz. Um pouco semelhante a Araujo, avançado-centro do Sevilla, que é o elemento mais perigoso, pela sua acometividade e valentia, de todos os avançados espanhóis. Mais jogo que eles tem Silva, do Atlético de Madrid, que domina a bola como nenhum outro. Pensa-se em pô-lo de interior, onde não tem que entrar tanto ao choque e donde o seu grande conhecimento de jogo pode servir de muito ao lado de um homem acometedor e decidido no rematar como Pahiño ou Araujo.

A asa esquerda depende da solução dada ao resto da linha avançada. Podia ser muito bem constituída por Epi-Igoa, já que estes jogam nesse lado no Valencia. Ou também por Silva e Gainza, ou Escudero, o ponta-esquerda do Atlético de Madrid, que é um dos atacantes mais «go-leadores» de Espanha.

Há muitos outros jogadores possíveis em Espanha, já provados por Elizaguirre. Estamos certos que o seleccionador não dará o alinhamento definitivo senão dias antes do encontro, se bem que tenha já formada a selecção na sua base e estrutura.

De todos os modos, dá-se em Espanha um fenómeno contrário ao que sucedia há uns anos. Voltam a abundar os jogadores de classe; o seleccionador não tem que

buscar um homem para cada posto. O seu labor consiste em eliminar os que lhe sobram. Porque, além dos citados, poderíamos citar Curta, Gonzalvo II, Puchades, Molowny, Bafion, Cesar, Aldecoa, Panizo, Alconero, outro médio de estilo de Nando, forte e batalhador, e muitos mais com os quais poderia formar-se outra selecção tão forte como a que haja de enfrentar-se com a portuguesa.

Apesar de haver alguma desorientação entre os adeptos por não se conhecer ainda os eleitos, existe uma atmosfera de geral optimismo, não exagerado, mas o suficiente para esperar que Espanha possa tirar a desforra do descalabro do ano passado em Lisboa. Consiga ou não o objectivo, o interessante é que o desafio entre as duas grandes equipas seja um modelo de correcção e simpatia, e também uma boa partida de futebol.

R. M.



ASENSI
Um elemento bom em todos os lugares



ALCONERO
Médio forte e batalhador



JUNCOSA
Um extremo aproveitável noutro posto



EIZAGUIRRE
O extraordinário guarda-redes de Espanha

forma actual, as suas extraordinárias faculdades, a sua agilidade e corpulência e a serenidade com que se move em campo, fazem dele o melhor guarda-redes da actualidade, e de muitas épocas. Exceptuando Zamora, julgamos que ninguém superou em eficácia o homem de Valência.

Na defesa, Diaz e Aparicio. E' indiscutível que o seleccionador tratará de fazer, frente a Portugal, jogo de posição, já que Guillermo é um convencido, afortunadamente, da conveniência dos sistemas modernos, e haverá que contar com uma defesa central e dois médios volantes de ataque. Assim, Diaz, da mesma forma que Clemente, ambos madrilenos, é um bom elemento, flexível, ágil, rápido, de bom toque de bola e conhecedor do jogo, posto que mais inexperiente que Clemente. Qualquer deles pode cumprir satisfatoriamente a missão que se lhes confie, a qual poderia ser a de marcar o extremo

tade de ferro, mas é de preferência jogador de ataque. E no centro da linha média coloca-se Muñoz, do Celta, homem de grande técnica e faculdade, mas não tendo a mobilidade de Nando. Julgamos que Asensi, o médio-esquerdo do Valência, seria o homem ideal para ocupar o posto de médio-esquerdo também na selecção, como o podia ser Hueté se estivesse em perfeitas condições físicas.

Asensi tem para mais a vantagem de se adaptar a qualquer posto. E a todos bem. A não ser em guarda-redes, jogou em todos os lugares do «team», e, presentemente, a sua forma é esplêndida e a sua experiência grande.

O outro médio, também preferentemente de ataque, é Gonzalvo III, do Barcelona. Cumpriria perfeitamente a função, por ser dinâmico, ágil, decidido e preciso na passagem e de uma combatividade notável. Pela sua parte como pela de Nando,

interior que, neste momento, tem mais condições em toda a Espanha. O seu drible, a sua marcha recta a caminho das balizas contrárias, a sua habilidade de trio e de passagem, dão ideia do grande Luiz Regueiro.

Nesse caso, poderia aproveitar-se Epi para ponta esquerda, mas teríamos nesta hipótese de deixar de fora Gainza, o homem mais perigoso da avançada espanhola. Este é o problema principal que se apresenta ao seleccionador, o qual dispõe de três grandes extremos: Juncosa, Epi e Gainza. Epi amolda-se indistintamente ao lado direito e ao esquerdo.

Qual haverá de sacrificar? Epi tem a vantagem de poder jogar de interior, se uma lesão o exigir. Juncosa foi um dos mais hábeis avançados-centro, ainda eficaz e brilhante, mesmo abusando do drible. Gainza é exclusivamente extremo-esquerdo, sendo certo que nunca se provou o seu valor no outro lado.

O BENFICA interrompeu O PROGRESSO belemense



Tres jogadores do Belenenses, Feliciano, Figueiredo e Vasco parecem surpreendidos com esta excelente defesa de Sério



Sério prepara-se para defender uma bola rematada por Arsénio



A 2.ª bola do Benfica! Veja-se a atitude do público, de mãos no ar, junto à baliza. Vasco e Serafim estão desanimados

Fotos AMADEU FERRARI

Fotos JORGE GARCIA



Vários acontecimentos de domingo

De cima para baixo: em cima, uma fase do jogo de reservas Benfica-Estoril para a Taça «Cosme Damião». A seguir, — uma defesa do guarda-rede júnior do Águia Vilafranquense contra o Sporting. Na terceira gravura, um aspecto do jogo Marconi-C. T. T. para o campeonato corporativo. Em baixo — o dr. Salazar Correia, entrega a Filipe Luis, na sede do Sporting, uma taça ganha por este atleta.

Arsénio, perseguido por Feliciano, consegue rematar às redes



O pequeno interior do Benfica, Arsénio, procurou rematar sempre que pôde. Desta, sob os olhares de Amaro e Feliciano, mas sem êxito



Divagações com alguma utilidade

NÃO vimos jogar o argentino Rocha, que esteve no Belenenses. Disse-ram-nos dele coisas admiráveis, outras decepções.

Vimos, porém, jogar o argentino Piza, que permaneceu no Estoril duas ou três épocas, mas só uma vez por outra apareceu na equipa principal.

Os dois estão agora em Espanha.

Fez bem o futebol português em ti- os deixado partir?

Cometeu um erro o futebol espanhol em os haver contratado?

Se não podemos pronunciar-nos quanto ao primeiro, podemos fazê-lo quanto ao segundo.

Piza era um jogador de classe excepcional — «que não ia ao baralho». Evidentemente, não por ser profissional, mas por temperamento. O choque apaixonado, talvez. Não o apaixonado, porém, o labor, a actividade. Logo, não era um profissional que se passava. Simplesmente, era um jogador que tinha receio do choque, o que aconteceria, sem dúvida, com milísimos amadores...

Ocupemo-nos, por instantes, da sua classe — no domínio da bola e do lance.

Piza era, essencialmente, um elemento precioso — no jogo de conjunto. Irrequieto e vivo, quando em poder da bola, apagava-se e desaparecia, astuciosamente, enquanto não voltava à sua posse. Em suma, não se dava por ele, — nos momentos em que a bola andava nos pés dos companheiros.

Todavia, o argentino do Estoril não deixava em ocasião alguma de estar em jogo. No seu próprio desaparecimento, na sua fuga do campo, estava a simulação de uma desmarcação — portentosa! Um médio que o defrontou várias vezes confessou-nos: «Não sei para onde aquele diabo se mete. Escapa-se-nos como uma enguia; some-se como um fantasma».

Regressado de novo e directamente ao lance, a sua subtilidade na recepção da bola e na concepção do jogo, imediata e fulgurante, era dos mais rutilos e intensos clarões do jogo.

De uma simplicidade de processo semelhante à de Szabo, o húngaro que está agora na Covilhã a ensinar como é o futebol

bem jogado, a «maneira» de Piza seria, possivelmente, mais artística, mais fina, menos fria, como é natural nam latino.

Entendemos que jogadores de classe deste argentino são utilíssimos ao nosso futebol, mesmo que alguns deles não possam ser grandes jogadores de campeonatos...

Eles constituem o exemplo vivo e permanente de outros ritmos e outras concepções, que se tornarão proveitosíssimas, bem assimiladas, bem enxertadas, bem adaptadas.

O jogo de pares existia nos primeiros tempos do W. M. Existe ainda. Praticam-no as equipas cuja concepção do sistema não está de todo aparada ou é ainda um tanto primitiva. Mas o W. M. não é o jogo de pares de modo algum.

No «errar da baliza», como o fez a selecção inglesa, no Estádio Nacional, a «marcação» para e simples desaparecia totalmente. Os britânicos alinhavam uns em frente dos outros, formando como que as varetas móveis e dacteis de um teleg. em cujos vertices os nossos atacantes viam sempre a figura gigantesca de Swift!

Cinco corredores de oitenta metros que fossem, simultaneamente, prodigiosos dominadores da bola, formariam a linha ideal de um ataque do futebol moderno. Mas se os extremos e o avançado-centro fossem ainda corredores mais velozes do que os interiores, não haveria ataque melhor.

O futebol ganha cada vez mais um sentido atlético de rapidez.

E rapidez implica uma cada vez maior simplicidade de processos técnicos e táticos.

No futebol tudo tem de ser rápido: a antecipação, a marcação, a desmarcação, o «shoot», a própria movimentação global da equipa.

Há uma curiosa teoria que diz: «A linha recta não é mais curta distância entre dois pontos. É a mais fácil!»

Porque muitas vezes, quase todas as vezes, não se pode alcançar a baliza pelo princípio geométrico da linha recta, apli-

quemos ao futebol a outra teoria.

O grau de espectacularidade que se pede ao jogo, será realizado, justamente, pelo seu maior grau de simplicidade.

O futebol assenta, como se sabe, no atletismo. Ora o fundamento, a linha e a pazeza do atletismo estão na velocidade.

O futebol praticado por homens pouco hábeis, é lento e fatigante como um filme ao retardador.

A questão dos campos revidados tem uma importância fundamental no desenvolvimento técnico do jogo.

A primeira vista poderá parecer que não é assim. Mas é.

O resultado da bola, nos campos pelados, é uma dificuldade que, muitas vezes, nem os próprios grandes jogadores conseguem vencer.

Se a técnica é a base do futebol, a tática é a força que o impulsiona.

O jogador terá, pois, de ser um perfeito executante e um agente do plano que se concebe. Não basta jogar bem. Terá também de saber jogar.

Acusa-se muita vez o jogador de não saber ou de se ter integrado em determinada tática. Haverá razão para o acusar algumas vezes...

Mas também há muitas equipas que entram em campo sem saber muito bem o que vão ou têm de fazer...

Os treinadores, em alguns casos, são excelentes técnicos. Mas poucas vezes se dão, ao mesmo tempo, bons táticos.

De resto, as lanchões são diferentes. Outras, as preocupações.

As nossas equipas têm-se preocupado apenas com o problema dos treinadores, para cima dos quais atram responsabilidades e trabalho que deixam ser repartidos por outros.

O orientador, o tático, é uma figura que só agora começa a aparecer no futebol português.

Adriano Peixoto

O conflito do hóquei patinado

O conflito suscitado pelo Comité Olímpico Americano no torneio olímpico de hóquei, é um caso típico de inoportunismo, com tristes consequências para o prestígio dos organismos intervenientes. É possível que, dentro de alguns meses, venha a custar ao sr. Brundage a sua eleição para a presidência do C. O. I., em substituição do demissionário sr. Edstrom. Resumamos os factos.

Existem nos Estados- Unidos duas entidades dirigentes do hóquei patinado, que mutuamente se guerreiam e acusam de profissionalismo. Ambas se inscreveram para o torneio dos Jogos, mas aquela que era patrocinada pelo Comité Nacional foi preterida em favor da outra, que era a reconhecida pela Liga Internacional de Oquei, organismo a quem os regulamentos olímpicos concediam autoridade orientadora.

No próprio dia da abertura dos Jogos, na reunião inaugural do Congresso Olímpico, o sr. Brundage, presidente do Comité Americano, fulminou os organizadores e intimou a assembleia a tomar uma decisão enérgica, sob penas de retirada dos atletas estado-unidenses dos Jogos.

O Comité tremou e, por sua vez, ameaçou os poderes sujos de excluir as competições de Londres os seus representantes, caso não invalidassem a inscrição da equipa americana excomungada, substituindo-a pela outra que se encontrava também presente em Saint-Moritz.

Os suíços, cuja persistência é tradicional, não se comoveram e mantiveram firmes seus propósitos.

Então, o C. O. I., exasperado lançou a sua bomba atómica: o torneio de hóquei era excluído do programa olímpico e a Liga Internacional de Oquei desautorizada nas suas funções.

O Comité organizador suízo não se deu por achado; declarou que o C. O. I. não podia tomar decisões sobre os Jogos já começados e nesse mesmo dia deu início ao torneio, com enorme interesse público, defrontando-se precisamente no encontro inaugural, os Estados- Unidos e a Suíça.

O campeonato excomungado prosseguiu como se nada fôra, mas os representantes das outras nações concorrentes não acharam naturalmente graça à decisão de que seriam inocentes vítimas e, de e supor, pesaram por intermédio dos seus delegados junto do conselho executivo do C. O. I.

E então, no dia do encerramento dos Jogos, surgiu a última surpresa, que era a capitulação desprestigiosa e, ao mesmo tempo, a mais peregrina das possíveis chinezices regulamentares: o torneio de hóquei era reintegrado no programa olímpico, mas a equipa dos Estados- Unidos, que nela tomara parte, ficava excluída da classificação; no entanto, o mais pasmoso é que apesar desta exclusão, os resultados obtidos pelos concorrentes classificados contra os Estados- Unidos são mantidos para efeitos de classificação!

Em matéria de complicada imaginativa os augures olímpicos bateram todos os records.

MADRID

PORTUGAL-ESPANHA

Partida no «Lusitania Expresso» em 1.ª classe

em 17 de Março e regresso em 24

Bilhete de Bancada, alojamento e transporte garantido e para um grupo de 25 viajantes o máximo

Programas na AGENCE FRANCE EXPRESS

Travessa do Cotovelo, 37 — Telefone 27519 — LISBOA

O futebol sul-americano vale pelo seu profissionalismo

Os portugueses jogam tão bem como os outros

(Especial para «Stadium», do nosso redactor no Rio de Janeiro, CANDEIAS ALVAREZ)

Os jornais portugueses ultimamente chegaram ao Brasil, dizem-nos da luta inglória que os nossos maiores do futebol vem travando em prol da implantação do profissionalismo declarado, branco e puro como a neve imaculada. Esse profissionalismo do qual tanta necessidade tem o futebol português para desenvolvimento total do mais puro «association», e para podermos demonstrar a todos aqueles que nos olham com um ar superior que os nossos atletas, dentro desse regimen, são tão bons como os outros e capazes de fazer o que hoje lhes é quase praticamente impossível, criando fora das fronteiras uma aurea de maior prestígio para o futebol português.

Um ano de Brasil, em permanente contacto com o futebol e o desporto brasileiro em geral, conhecendo hoje perfeitamente a mecânica do profissionalismo existente neste grande País, eu terei, não como jornalista, mas como desportista, de me considerar incondicionalmente ao lado de todos aqueles que vem lutando pela vitória dessa causa justa que só trará progressos ao futebol português.

Infelizmente, no momento actual, a opinião formada na América do Sul a nosso respeito, já pela falta de conhecimentos daquilo que somos capazes de fazer, já pelos resultados desastrosos que ultimamente empanaram o brilho de tantas vitórias, não é aquilo que poderíamos desejar.

Pretende-se no Brasil que o nosso futebol é inferior a qualquer sul-americano e que os nossos jogadores aqui não passariam de vulgaridades. Sei também ser essa a opinião de uma grande parte dos desportistas portugueses que aí se limitam, pela força

das circunstâncias, a acompanhar o movimento desportivo do Brasil pelas notícias publicadas nos jornais. No entanto e procurando esclarecer os que teimam em não querer ouvir verdades, é que me resolvi a escrever esta crónica que, — doa a quem doer, portugueses ou brasileiros, encerrará algumas verdades.

Temos em Portugal tão bons jogadores como em qualquer parte do mundo. Mas as qualidades natas que os mesmos possuem não podem ser devidamente desenvolvidas enquanto persistirmos com o sistema vigente do amadorismo falso, que só os deprime e os desgasta com maior facilidade. A necessidade do profissionalismo em Portugal, obrigará os jogadores portugueses à devoção pelo futebol como profissão e não como um modo de mensalmente poderem averbar aos seus modestos honorários de empregados comerciais, bancários ou industriais, mais umas centenas de escudos que lhes permita viver desafogadamente.

Porque é lógico: nenhum jogador português por muita vontade que tenha pode ver desenvolvidas as suas aptidões para o desporto rei enquanto estiver treinando

«contra-relógio», preocupado com o ponto que tem de assinar.

E' já sabido que a resistência dos nossos profissionais — «marrons» é estúpida, e se auscultarmos friamente os esforços a que são obrigados pelas deslocações semanais sem o mínimo conforto, averbadas aos treinos da semana e às 48 horas de trabalho na oficina ou no escritório, teremos de concluir que possuímos não jogadores de futebol mas super-homens a quem tudo se exige e nada se lhes garante em troca.

Que contraste entre os jogadores portugueses e os brasileiros... Aqueles levam a semana inteira labutando pelo pão de cada dia e às sextas-feiras de noite ou sábados de manhã, lá vão de mala aviada «gramar» 200 e 300 quilómetros de camioneta ou combóio para fazerem um desafio que lhes exige o máximo do esforço no domingo e para estarem de volta na segunda-feira; estes — brasileiros — limitam-se aos treinos semanais em que nada de esforço lhes é exigido, entram para a concentração às quintas-feiras onde encontram todo o conforto e carinho e de lá seguem para o campo com as suas energias intactas e prontos a darem o melhor do seu esforço. Deslocações, só de avião;

e mesmo assim com 48 horas de antecedência a fim de que possam refazer-se do esforço e das energias perdidas na viagem de 2 e 3 horas comodamente sentados em estupidas poltronas.

Temos tão boa matéria prima como qualquer outro País, volto a afirmá-lo, e pergunto:

— Indiquem-me no Brasil um guarda-redes com a categoria de um Azevedo; um Feliciano, um Travassos, um Araújo, um Jesus Correia e um Espírito Santo.

A sua superioridade está única e exclusivamente nos factos apontados, superioridade que lhe é garantida pela profissão que exercem e que lhes dá tempo a um maior aperfeiçoamento das suas habilidades. No entanto — aí vai a bomba — na Europa joga-se melhor «association» que na América do Sul — excepção feita aos argentinos!

Em crónicas seguintes eu farei por demonstrar os porquês dessa afirmação. A confirmá-la temos o caso do Vasco da Gama que após o seu regresso da digressão feita à Europa, mais parecia um «team» novo do que aquele Vasco que nós tínhamos visto actuar no Torneio Municipal.

... aos Jogos Olímpicos de Inverno

A primeira manifestação activa dos Jogos da Olimpíada de 1948 decorreu, como é sabido, na cidade suíça de Saint-Moritz e foi encerrada em 8 de Fevereiro.

Em Portugal pouco mais se tem dito a seu respeito do que o simples enunciado dos vencedores e, no entanto, alguns acontecimentos relacionados com estes Jogos de Inverno são de interesse universal, pelo seu significado, pela sua provável influência sobre o futuro da política internacional olímpica.

Os Jogos tiveram êxito compensador e, contrariamente ao que fora anunciado, a organização dará ligeiro saldo positivo, a dividir entre o Comité Olímpico Suíço e a comuna de Saint-Moritz.

As receitas atingiram a verba considerável de 400.000 francos suíços, muito além portanto dos 250.000 que haviam sido previstos.

Por outro lado, as despesas elevam-se a 600.000 francos, mas a diferença é largamente coberta pelas importâncias referentes à emissão de selos olímpicos e à percentagem cobrada

Comentarios

nos concursos de apostas desportivas e pelos subsídios concedidos pelo governo federal e pelo conselho estadual.

O estado do tempo não foi muito favorável, nevando com frequência e abundantemente, o que obrigou a trabalhos suplementares de desobstrução das pistas e recintos de patinagem, os quais importaram na bagatela de 20.000 francos diários.

Das 28 nações inscritas — entre elas figurando, não sabemos porque razão nem com a sanção de quem, Portugal — apenas treze conquistaram medalhas, vindo a Suécia à cabeça com 4 medalhas de ouro, 3 de prata e 4 de bronze.

Numa classificação global ofensiva, atribuindo pontos aos seis primeiros de cada competição, obtem-se a seguinte tabela: Suécia 74 p., Suíça 68 p., Noruega 53,5 p., Estados Unidos 53,5 p., Austria 49 p., Finlândia 46 p., França 33 p., etc.

A Suécia venceu as corridas em esqui de 18 e 50 quilómetros, a estafeta 4 x 10.000 m. e a corrida de 10.000 m. em patins; a Noruega, as corridas de 500,

1.500 e 5.000 m. em patins e o salto em esqui; a Suíça, a prova de descida feminina, o «slalom» masculino e o «bobsleigh» de dois; os Estados Unidos, o «slalom» feminino, a patinagem artística dos homens e o «bobsleigh» de quatro; a França, a prova de descida e o combinado alpino masculinos; o Canadá, a patinagem artística das senhoras e o torneio de hóquei; a Finlândia, o combinado nórdico; a Bélgica, a patinagem artística por pares; a Itália, a prova de «skeleton».

O amor e a forma

A par da satisfação resultante da dupla vitória do seu esquiador Oreiller, os franceses tiveram em Saint-Moritz uma grande desilusão com o fracasso da sua campeã Georgette Thiolière, considerada favorita no combinado alpino e, afinal, bastante mal classificada por haver caído duas vezes durante o percurso.

Georgette Thiolière, casada

com um americano chamado Miller, é uma linda rapariga que cuida da linha estética, o que levou alguns críticos a apontar, como causa do seu insucesso, a fraquesa resultante de um rigoroso regime de emagrecimento, para agradar a seu marido.

A campeã francesa, ouvida sobre o seu caso desmentiu energicamente que o amor tivesse tido alguma interferência nas suas máis exibições, dizendo: «Os jornais espalharam que eu casara com um americano e estando apaixonada por ele, emagrecera e perdera forças. E' absolutamente falso.

«Estou, sem dúvida, mais magra porque perdi gordura, mas lenho os músculos em boa condição, como provei balendo nos Estados Unidos todos os homens que concorreram à prova de Sun Valley, inclusivamente o campeão suíço Molitor. Se aqui perdi foi porque a sorte me abandonou». E acrescentou zangada: «E depois, mesmo que fosse verdade, estou no meu direito de casar e de emagrecer!»

Tem inteira razão, a simpática Georgette, invocando a força da lei do coração. A's exigências do combinado alpino preferiu os requisitos do seu combinado matrimonial; quem lhe atirará a primeira pedra?

S. C.

ONDE SE APRENDE A NADAR

PERMITA-SE-NOS que nesta crónica de hoje, com seu quê de resumo de uma das mais curiosas facetas da actividade da temporada de 1947, não falemos de campeões, não anotemos marcas famosas, nem arquivemos a evolução deste ou daquele "record".

Não. A intenção hoje é outra, e visa pôr em relevo — no relevo a que legitimamente tem jus — o esforço pouco divulgado daqueles que tão devotadamente se dedicam ao ensino do mais útil e salutar de todos os desportos.

É que além daquele número relativamente reduzido, de nadadores que com mais ou menos regularidade comparecem às provas de competição, existe uma legião enorme de praticantes — massa obscura, que o grande público não conhece — que alguém um dia industriou na arte de deslizar no elemento líquido.

Trabalha-se durante a quadra estival, em favor da natação, mais do que à primeira vista pode parecer. O leitor admira-se? É natural. Então leia os períodos seguintes, e talvez fique a fazer um juízo diferente do labor da natação lisboeta.

★

Começemos, pois. E começemos pela bela obra da «Mocidade Portuguesa», em que um especial carinho pela natação está na base, como não podia deixar de ser, da sua vasta acção empreendida em favor dos desportos náuticos. Na «Casa da Mocidade» existe uma excelente piscina coberta que satisfaz amplamente o fim em vista: ensinar a nadar.

Por lá passam, anualmente algumas centenas de filiados. O centro é dirigido por António Pala que tem

como auxiliares, entre outros, os nadadores Artur Alberto da Silva, Carlos Franco do Vele e António Jardine Neto.

Bem perto da «Casa da Mocidade» existe outra acolhedora piscina, esta descoberta, com 16,66 x 8 metros. No seu género, das mais interessantes que Lisboa possui. O grande público ignora-a. E o que é mais: ignora a obra altamente humanitária que lá se desenvolve. Referimo-nos à piscina do Batalhão de Sapadores Bombeiros, da Avenida Presidente Wilson. É que além de aprenderem a nadar os denodados «soldados da paz» aprendem, também, a técnica de socorros a naufragos. Dispõem, assim, de mais um recurso para poderem ser úteis ao seu semelhante. A obra é magnífica. E nela tem certo quinhão o conhecido técnico de salvamento, Dionísio Sampaio.

A piscina que o Clube Nacional de Natação possui desde Setembro de 1941 não fica longe, enquadrada como está, no seu parque da rua de S. Bento. E eis outra obra valiosa em favor da natação, do seu ensino, da sua divulgação. Afastado, é certo, das posições de destaque, o Nacional mantém-se firme no seu posto. No verão de 1947, a frequência às suas escolas, quer de ensino, quer de aperfeiçoamento, foi francamente animadora. Trabalhou-se, obscuramente, é certo, mas trabalhou-se. E ao Nacional coube ainda a organização do «Dia Popular da Nataçào» que constituiu boa jornada da propaganda da modalidade.

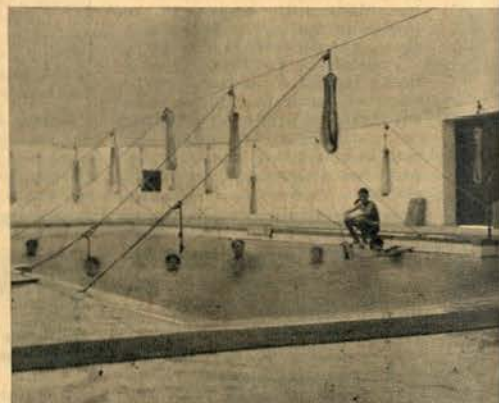
E falamos agora de outro local que a maioria dos nossos leitores desconhecem: o tanque de ensino do Club Naval de Lisboa, ali no Cais do Gás. De pequenas dimensões — apenas 12 metros de cumprimento — tem no entanto, cumprido a missão a que se destina: proporcionar o ensino da natação a todos aqueles que, mais tarde, queiram ser remadores ou velejadores. É realmente de lamentar que uma colectividade com as gloriosas tradições do Club Naval de Lisboa tenha deixado de comparecer às provas de competição, mas reste-nos a consolação de que o ensino da modalidade continua a não ser descuidado.

Em Belém, no histórico mosteiro dos Jerónimos está instalada a Casa Pia de Lisboa. E também lá existe um tanque que se destina ao ensino da natação. Não aquele, em que há 24 anos Mário da Silva Marques se treinou para ir aos Jogos Olímpicos de Paris, mas outro, de construção mais recente. O caso expõe-se em poucas palavras: no Casa Pia o ensino da natação é obrigatório. E dele tem estado inebuído, com apreciáveis resultados, o antigo campeão de saltos artísticos, António Guedes Gonçalves.

E falemos agora, de novo, de uma colectividade desportiva — o Club Sportivo de Pedrouços — para a qual o ano de 1947 ficará como um dos mais decisivos da sua existência. Referimo-nos à inauguração da sua piscina de dimensões regulamentares, de 25 metros de comprimento, facto que veio impulsionar extraordinariamente as escolas da progressiva agremiação. Mais de uma centena de nadadores saíram das classes de Pedrouços, em 1947. E a essa tarefa não foi estranha a acção de António dos Santos, um dos seus mais dedicados instrutores.

Estas breves notas terminam, praticamente, com uma referência ao maior de todos, ao baluarte da natação portuguesa — ao Sport Algés e Dafundo. Não tal, como afirmámos no princípio, aos seus campeões e aos seus recordistas, que não é agora o momento asado. Mas as suas escolas. Aqueles que por lá passam «apenas» para aprender a nadar. E para isso, nada mais elucidativo do que o seguinte passo do seu relatório: «as escolas de 1947 tiveram 559 inscrições, mais 182 do que em 1946 e mais 202 do que em 1945. Estas escolas estiveram a cargo dos professores oficiais, D. Margarida Pala e Hermano Patrão, e do instrutor obscuro, sr. António Afonso Pala».

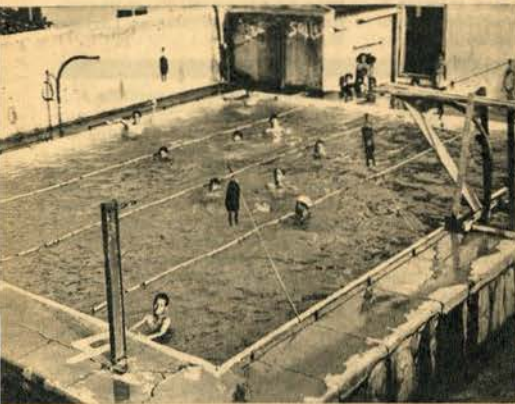
Em conclusão: algo se trabalhou, no ensino da natação, no verão de 1947. Apenas de lamentar, que à míngua de recursos, esse trabalho não possa prosseguir durante o inverno como seria para desejar.



Mais um grupo de piscinas de Lisboa: em primeiro lugar, a do Batalhão de Sapadores Bombeiros; a meio, o Clube Sportivo de Pedrouços em dia de treino; no fim, a que serve os filiados da «Casa da Mocidade»



Fotos F. SÁ



O leitor pode apreciar, neste friso, de cima para baixo: um pormenor da piscina do Algés e Dafundo; o tanque de natação da Casa Pia de Lisboa; e a piscina do Clube Nacional de Nataçào

Abreu Torres



ENTRE PORTUENSES

À direita, Catolino prepara-se para rematar uma bola da sua equipa; ao alto, sobre a esquerda, Barrigana defende uma bola alta; em baixo, Guilherme, oportunamente destrói o perigo

Fotos MARQUES DE CARVALHO



VITÓRIA OPORTUNA DA ACADÉMICA

As 3 imagens que apresentamos revelam bem a maneira decidida com os estudantes e bracarenses encaram o jogo do último domingo



HIDISMO PORTUGAL nos JOGOS OLIMPICOS de LONDRES

HELDER MARTINS

CORREIA BARRENTO

HENRIQUE CALADO

JOSÉ CARVALHOSA

PELO sr. Ministro da Guerra, que recebeu há dias a Comissão encarregada da nossa preparação olímpica, foi aprovada a constituição da equipa que deverá representar o país na «Taça das Nações» dos próximos Jogos de Londres, a disputar em 14 de Agosto.

É esta formada, como noticiamos no nosso último número, pelos Capitães Correia Barrento e José Carvalhosa e pelo tenente Henrique Calado, que montarão respectivamente os cavalos Irlandeses «Alcoa», «Tete» e «Vouga». Como reserva foi seleccionado o Major Helder Martins, com o anglo árabe «Optus».

Deve entretanto dizer-se que a inscrição definitiva dos nossos representantes poderá ser feita até 25 de Julho, pelo que até essa data, e no decorrer de provas públicas, se poderá verificar se a selecção agora formada corresponde ao nosso melhor.

Os quatro concurrentes escolhidos para a «Taça das Nações» trabalham, conjuntamente com os cavalos seleccionados, quatro montadas de reserva assim distribuídas:

Correia Barrento, montará o argentino «Raso», José Carvalhosa o puro sangue inglês «Montijo», Henrique Calado o irlandês «Zuari» e Helder Martins o argentino «Xerez».

O tenente-coronel Ivens Ferraz, delegado do Ministério da Guerra, que tem a seu cargo o trabalho de preparação da nossa equipa, disse-nos que se trata de um percurso formado por 13 a 14 obstáculos que no entanto obrigam, com os duplos e os triplos, a 16 a 20 saltos. As alturas mínimas serão de 1^m,30 e as máximas de 1^m,60, estas em dois obstáculos verticais. A vala, que não terá em cima qualquer outro obstáculo, será de 5 metros de largura e a prova exige a velocidade de 400 metros por minuto.

Quanto à nossa representação no «Campeonato de Cavalos de Sela» e na prova «Eslino», apenas em 15 deste mês será tomada uma resolução definitiva.

Antes Teixeira

na capital do NORTE

MOSAICOS nortenhos...

UM REFORÇO PARA O F. C. P.?

Fala-se com insistência na chegada de um jogador argentino para o F. C. do Porto. Os meios afectos ao clube portuense não desmentem as afirmações trazidas a público, mas ainda não deram notícias que possam traduzir-se em certeza.

Se o F. C. P. adquirir, de facto, um bom jogador, há muitos lugares para ele na linha média e mesmo no ataque. Ocorre até lembrar que o médio Carvalho estaria mais bem sobre o extremo, se o seu clube conseguisse bom médio-centro, e ainda que as boas qualidades de Vergílio podem revelar-se na linha da frente.

Mas isto é apenas lembrança simples. Vaschetto sabe como poucos. Ele se manifestará na altura própria.

UMA VITÓRIA DE CESAR CARDOSO...

No jogo de basquetebol Norte-Sul (porque não Porto-Lisboa?) afirmou-se de um modo inconfundível o vascalino Cesar Nogueira Cardoso, irmão de «Pima».

O antigo jogador do Vasco da Gama, que depois se transferiu para Coimbra, de onde regressou ao seu velho clube, maravilhou o público e os próprios adversários. Cesar, na verdade, fez no Porto, no seu ambiente, a primeira grande exibição da sua carreira.

Não se podia jogar melhor. O grande atractivo do Norte-Sul em basquetebol, pode afirmar-se, foi o trabalho do irmão de «Pima». Uma família de bons jogadores. Além de Cesar e de António, há ainda outros «Nogueira Cardoso» onde a habilidade se revela agradavelmente.

DOIS ARBITROS HOMENAGEADOS

Os bons árbitros de futebol, infelizmente, não são em grande número. Mas alguns, considerados pela crítica e pelo público desapaixonado, desejam afastar-se — desgostosos por qualquer motivo.

Dois — os snrs. Vieira da Costa e Lima Sá — foram recentemente homenageados com um jantar, e puderam ouvir palavras de aplauso à sua competência e imparcialidade. O último, entretanto, arbitrou no domingo o seu último desafio.

Lamentaremos sempre a saída dos

Um grande recinto desportivo

E o Pálcio dos Desportos? Ter-se-ia perdido a bela ideia de dar aos desportistas portuenses a oportunidade admirável de se instalarem no grande recinto da Rua do Triunfo os campos de basquetebol, de voleibol, de oquei em patins e a piscina?

Acreditamos na vitória da regalia oportunamente anunciada. O Porto, que ainda há pouco foi contemplado por uma decisão do ilustre Ministro das Obras Públicas, aguarda ansiosamente que o Pálcio dos Desportos seja um facto. Um distinto deputado da Nação lembrou na Assembleia Nacional outro local para se construir o Pálcio, e é evidente que a alteração pode perturbar o melhor caminho desta sonhada iniciativa.

O Pálcio de Cristal está instalado a dois passos do centro. E' amplo. Possui belos jardins. E, como por todos é sabido, pouco serve a uma cidade laboriosa e desportiva. Insistir, portanto, na construção do Pálcio dos Desportos, é dar ambiente às aspirações legítimas de quem procura, por todos os meios ao seu alcance, fazer progredir a sua terra.

Curiosidades...

O F. C. P. espera reforços. Dizem-nos que não virá apenas um jogador de categoria para as suas fileiras...

◆ Corre com insistência que Gomes da Costa alinharrá alguns jogos pela Académica de Coimbra. Não faltam, porém, alguns descrentes.

◆ Julga-se que as obras do novo Estádio do F. C. do Porto começarão logo após a visita do sr. Ministro das Obras Públicas.

◆ O número de pessoas inscritas no banquete de confraternização do F. C. P. é cada vez maior. Apenas sócios da agremiação podem tomar parte.

◆ A ideia de fazer disputar o campeonato nacional de basquetebol por 3 clubes do Porto parece não encontrar adeptos.

bons funcionários da causa das arbitragens. Lima e Sá não desagradava, revelando manifesto desejo de cumprir e de se impôr correctamente.

OS PROBLEMAS DA NATAÇÃO

Os clubes portuenses e outras entidades estão empenhadas em trabalhar no sentido de fazer regressar a natação ao seu antigo prestígio.

Todavia — tudo é difícil, por enquanto. Sem piscina, pelo menos,

O Seguro dos jogadores

Já vimos o assunto debatido nas colunas dos Jornais e demos-lhe inteiro aplauso. Os nossos clubes de futebol, aqueles que ainda o não tenham feito, devem tomar a iniciativa de lutar os seus jogadores de contrariedades como aqueles que se annunciaram na última semana.

Não foi possível, até agora, conseguir para os atletas uma situação vantajosa, servindo-os com seguros contra acidentes ou defendendo-os de posições delicadas. Pois façam os clubes alguma coisa nesse sentido. Embora o não pareça, naturalmente, podem lucrar as colectividades. Pelo menos deixam de ficar inquietas quando em presença de desastres mais ou menos graves.

não há possibilidades. E os nadadores também não abundam, por isso mesmo...

Claro que o facto não deve desanimar os defensores do util desporto. Se todos os clubes quiserem e forem auxiliados por quem de direito, talvez o Porto possa demonstrar que tem a mesma capacidade de outras épocas.

Oxalá isso aconteça. O Porto, em questões de natação, não tem caminhado com a segurança merecida pelas suas responsabilidades no desporto.

MOSAICOS nortenhos...

A POPULARIDADE DO FUTEBOL...

Os desportistas portuenses passaram um mau boado. As notícias alarmantes que chegavam momento a momento confundiam os mais optimistas, e a desolação era geral.

A ideia de que Araújo e outros colegas da equipa «portista» estavam seriamente molestados, em Tomar, provavam bem que os portuenses estimam seriamente os seus ídolos, garantindo ao mesmo tempo a popularidade absoluta do futebol.

A despeito de notícias sérias que a certa altura colocaram o ambiente em pé sereno, só a notícia da chegada dos elementos do F. C. do Porto pôde estabelecer a necessária harmonia nos espiritos.

Como tudo ficou pelo melhor — antes assim.

ELADIO VASCHETO CONQUISTOU SIMPATIAS...

O treinador Eladio Vaschetto foi o mais «provado» no acidente de Tomar. Felizmente, porém, encontra-se restabelecido do abalo moral que sofreu.

Vaschetto, pela sua esmerada educação e pelos conhecimentos que tem do futebol, conquistou a simpatia dos adeptos do F. C. do Porto. Os jogadores admiram-no e respeitam-no, reconhecendo em Vaschetto um mestre como nunca tiveram.

Por tudo isto, o treinador argentino do F. C. do Porto ganhou com absoluto mérito a popularidade que hoje lhe garante uma situação de inegável prestígio dentro da principal colectividade nortenha.

Pela nossa parte, manifestamos regozijo por não ter sido grave o acidente.

A INTERNACIONALIZAÇÃO DO ANDEBOL

O andebol português prepara-se para comparecer no campeonato do Mundo. Pelo menos a Imprensa de Lisboa deu-nos a notícia como certa. E, como é natural, os meios afectos à modalidade, cá no Porto, movimentaram-se.

Na capital nortenha, como se sabe, pratica-se o andebol com muito entusiasmo e dedicação. O F. C. do Porto ganhou já 8 títulos nacionais, em 9 anos de prova.

Assim, conquistou justos direitos. Homens do valor de Fabião, Alberto, Campos, Pires, Montalvão, Coimbra, Nees, Xavier, etc., não se encontram com muita facilidade.

De todos os modos, e sem intuídos de propaganda, neste caso desloca, sabemos que os portuenses procuram preparar-se cuidadosamente. E como o seu brio, nestas coisas, costuma dar boas provas, — guardemos que a representação portuguesa seja um facto incontestado.

FUTEBOL

Em Inglaterra

O tempo complicou grandemente a regularidade dos jogos que se efectuaram no último sábado, para o campeonato divisionário da Liga Inglesa de Futebol. A neve e a geada foram os dois obstáculos principais, causando o adiamento de oito dos 44 jogos marcados, entre os quais figurou o *match* Arsenal-Portsmouth, e afastando muito público que não ousou afrontar a intempérie.

O principal interesse da jornada concentrou-se no destino dos clubes que ocupam a zona perigosa da cauda da classificação. O Chelsea, por exemplo, foi batido pelo Aston Villa, descendo ao terceiro lugar a partir do último, um ponto acima do Blackburn Rovers, derrotado por 2-1, pelo Preston North End e apenas seis acima da «lanterna vermelha», o Grimsby Town, vencido pelo Derby County por 3-2.

Stoke City e Liverpool, estes últimos ao campeão da Liga em 1946-47, reúnem-se aos candidatos à mudança divisionária. Stoke perdeu com o Manchester United, por 2-0, e Liverpool imitou-o deante do Middlesbrough pelo mínimo score.

O mais belo resultado da jornada foi o empate conseguido pelo Fulham contra o Birmingham (1-1). Este último clube só consentiu quatro tentos nas suas redes no decurso dos dez últimos jogos. Espera-se que o *match* para a 6.ª eliminatória da Taça, a efectuar no sábado, entre Fulham e Blackpool venha a ser um duelo magistral.

Na 2.ª Divisão não houve nada de saliente a registar, à parte o facto de Cardiff City aplicar uma coça ao Nottingham Forest por 4 bolas a uma, diminuindo a diferença que o separa do *leader*, Birmingham.

O Tottenham e o Southampton empataram sem marcar golos. Devem encontrar-se para a Taça, no sábado, e nenhum quis arriscar-se o suficiente para descobrir a sua verdadeira força.

Considerando a forma actual dos grupos, parece-nos possível um jogo decisivo entre o Derby County e o Manchester United, no famoso Estádio de Wembley, para disputa do troféu mais cobiçado do futebol inglês.

Exército Inglês, 1 Exército Belga, 0

Realizou-se em Bruxelas este encontro, durante o qual os belgas se mostraram mais activos, sem conseguirem penetrar na defesa dos insulares. Quando faltavam apenas três minutos para o apito final, Hinselwood, interior-direito, de 18 anos, pertencente ao Fulham, marcou o único tento da Jornada.

No próximo número ALBUM DOS JOGADORES

Stadium

A VIDA DESPORTIVA POR ESSE MUNDO

NOTA DA SEMANA

Os dirigentes desportivos norte-americanos encontram-se profundamente desgostosos com a audaciosa intromissão, dos campos de actividade dos atletas amadores, pelos interesses comerciais.

Desprezando por completo os direitos, aliás bem firmes e claros, dos organismos superintendentes que comandam a prática das diferentes modalidades, vários emprezários não hesitaram em invadir esse território alheio, sempre que descortinam probabilidades de lucro pecuniário.

Esta situação atingiu o cume recentemente, quando se tratou da representação olímpica dos Estados Unidos, de hoquei sobre o gelo, para os Jogos Olímpicos de St. Moritz. Os alicerces, e o próprio futuro do desporto amador internacional, encontraram-se tão atingidos, pelas manobras audazes e despidas de escrúpulos dos videirinhos dos desportos, que por muito pouco não soçobraram na confusão e no logro.

Por manobras de política escura, executada por detrás de bastidores, conseguiram expelir a Amateur Athletic Union, do seio da liga Internacional do Hoquei no Gelo, embora o primeiro dos organismos referidos fosse membro do segundo, desde o ano de 1930, e puseram outro no lugar daquele — a Associação de Hoquei Amador dos Estados Unidos, nome pomposo que acobertava o falso amadorismo.

Pouco a pouco, os dirigentes da A. H. A. E. U. lograram interessar o Madison Square Garden (profundamente aterrorizados até essa data pelo hoquei profissional...) trouxeram do Canadá rapazes talentosos a quem proporcionaram empregos para iludir o verdadeiro estatuto do amador integral, e a breve trecho se declarou uma guerra sem tréguas entre Amateur Athletic Union e o Comité Olímpico dos Estados Unidos, de um lado, contra a Associação de Hoquei Amador dos E. U., do outro.

Este organismo conseguiu obter a aliança de vários internacionais, nomeadamente do Canadá e da Grã Bretanha, aproveitando-se do recente conflito bélico para tentar a criação de um novo organismo internacional, substituído da L. I. H. G., contando poder comandá-lo a seu bel-talento.

Por muito estranho que isto possa parecer ao leitor, os factos estiveram prestes a consumarem-se mas, à última hora, já em pleno período de Jogos Olímpicos, a verdade conseguiu um triunfo completo. Os representantes dos Estados Unidos — a quem faltou o beneplácito do respectivo Comité Olímpico — viram-se excluídos de participar, embora se encontrassem já em St. Moritz; a Associação de Hoquei Amador dos Estados Unidos foi repudiada e reconhecida a autoridade da A. A. U. Enfim, podemos classificar este desfecho como uma vitória alcançada sobre o fio de chegada...

R. B.

RUGBY

França, 11-Gales, 3

No campo de Swansea, sob um vento glacial e uma temperatura polar, a equipa francesa bateu os galenses — pela primeira vez, desde 1908 — na própria casa dos adversários.

A França conseguiu um golo e 3 ensaios; a Gales, apenas um golo de penalidade. O público invadiu o recinto em tal quantidade que rompeu o gradeamento do campo, dificultando a marcha do jogo.

O trabalho dos jogadores franceses foi extremamente brilhante.

ATLETISMO

Mc Kenley derrotado na América

O grande corredor negro da Ilha Jamaica, Herbert Mc Kenley, considerado o melhor velocista de 400 metros, foi batido a 23 de Fevereiro, durante o campeonato nacional amador de atletismo, em pista coberta, na distância de 600 jardas.

A corrida terminou com a vitória de Dave Bolen, no tempo de 1 m. 11 s., seguido a 1 metro por Geo Guida.

Mc Kenley chegou em 4.º lugar.

TÊNIS

Jack Kramer triunfa sobre Bobby Riggs

Os dois melhores tenistas mundiais, Kramer e Riggs, encontraram-se pela 30.ª vez num desafio singular, a 18 de Fevereiro, na cidade de Los Angeles (Calif.).

Kramer, depois de uma brilhante demonstração, que foi presenciada por 6.000 pessoas, triunfou sobre o campeão do Mundo profissional pelo resultado de 6/0, 7/5.

Até agora, Kramer obteve 16 vitórias contra 14 de Riggs.

BOXE

Excelente vitória de Villemain

O campeão da Europa de «semi-médios», Robert Villemain, conseguiu uma notável vitória por pontos sobre o duro e vicioso Robert Charron, peso «médio» que figura abaixo de Cerdan e Dautuille na classificação anual de 1947.

O combate efectuou-se no Palais des Sports, de Paris, sendo unânime a decisão dos juizes.

Soldevila sucessor de Mendicute

O novo campeão de Espanha da categoria «médios» é Soldevila, que triunfou nitidamente em Barcelona sobre o veterano José Ferrer.

Este, foi à lona no penúltimo assalto, por 8 segundos, e acabou o desafio completamente exausto. A decisão do combate foi atribuída por pontos.

Lavern Roach vitorioso

O próximo rival de Marcel Cerdan, o jovem «promessa» americana Lavern Roach, bateu por *knockout* ao sétimo assalto Al Thornton. O médico interveio para salvar o vencido de um massacre desnecessário.

... e Beau Jack vencido

O preto Beau Jack perdeu por escassa margem de pontos, a decisão do combate contra Terry Young, ao cabo de dez assaltos. O *match* era para apuramento de um adversário do campeão Ike Williams.

A VITÓRIA DO SPORTING EM GUIMARÃES

Fotos BENIGNO CRUZ



Travaços eleva-se para rematar de cabeça. O novel guarda-rede vimaranense defenderá



Canário, depois de Manuel Marques, desarmou Rebelo

CAMPEONATO DE LISBOA DE RAGUEBI



O desfazer de uma "meleu" no jogo Sporting-Belenenses, a contar para o campeonato de Lisboa

Caricaturas do STADIUM



Mais um belo trabalho do grande artista Adriano Baptista. Hoje apresenta-nos Daniel, actual jogador do Sporting, de Braga. Um mimo!

O REGRESSO DE ROGÉRIO



O conhecido «internacional» português, com sua esposa, logo após a sua chegada. E, pouco depois, confia ao nosso camarada Rosa Matos as primeiras impressões